

Nzinga Mbandi contra os portugueses em Angola. Século XVII.

Mariana Bracks Fonseca
Graduada em História pela UFMG

Orientadora: Marina de Mello e Souza

Filiação Institucional: Mestrado em História Social- USP

Agência fomentadora: FAPESP

Portugueses no reino do Ndongo: conquista, comércio e guerra

O Reino do Ndongo centralizou-se, no século XVI, em torno do Ngola, soberano a quem os sobas (governantes locais) prestavam homenagem. Após experiências frustradas da Coroa Portuguesa em estreitar as relações comerciais com o Ngola e catequizá-lo¹, D.Sebastião deu carta de Doação a Paulo Dias de Novais autorizando a colonização de Angola nos moldes das sesmarias adotadas na América. Luanda passou a ser o principal porto de embarque de escravos provocando o deslocamento do eixo econômico da África Central do Congo para Angola.

Os portugueses se instalaram inicialmente na ilha de Luanda e foram progressivamente adentrando no interior através da política de avassalamento dos sobas. Construíram fortalezas no curso do rio Kwanza para garantirem o controle das feiras, em que a principal mercadoria era o escravo. Desde 1590, as guerras de conquista estiveram ao lado da política colonialista portuguesa em Angola, legitimada pelos jesuítas que pregavam a “conversão pela espada”. Os sobas vassalos eram obrigados a pagarem tributos em escravos, dar passagem, alimentação e proteção às tropas portuguesas, ser inimigo dos inimigos da Coroa, e qualquer ação que não agradasse o governo lusitano justificava a ação militar.

Governadores portugueses, interessados nos altos lucros do comércio escravista, valeram-se dos Imbangalas, guerreiros chamados na documentação de Jagas, para aumentar o aprisionamento de escravos no interior. Este povo errante vivia da guerra, atacando povoados Mbundo e saqueando sua produção. Governadores como Manuel

¹ A Coroa mandou uma expedição em 1520, que resultou na prisão dos emissários, e outra em 1565, em que Paulo Dias de Novais ficou detido junto com o padre Baltasar de Castro. Para saber mais: Amaral, Idílio. *O reino do Congo, os Mbundu (ou Ambundos), o reino dos "Ngola" (ou de Angola) e a presença portuguesa de finais do século XV a meados do século XVI*. Cap.2

Cerveira Pereira (1603-1606/ 1615-1617), Manuel Pereira Forjaz(1607-1611) e Bento Banha Cardoso (1611-1615) marcaram seus mandatos pela aliança com os mercenários Imbangalas, o que fomentou a guerra entre os povos autóctones e criou um ambiente de instabilidade política. A guerra desestabilizava a produção e impedia que os sobas saldassem seus tributos, gerando uma contradição na política colonial.

O ambicioso governador Luiz Mendes de Vasconcelos decidiu transferir o presídio de Hango para Ambaca, em terras pertencentes ao Ngola, o que desagradou o soberano. Seguiu-se um período de intensas guerras entre os portugueses e os exércitos do Ndongo. Para a invasão do Ndongo, os portugueses contaram com a ajuda do Jaga Cassanje. O Ngola foi derrotado e sua esposa e alguns de seus principais homens foram aprisionados. Enfraquecido, o Ngola se refugiou em uma das ilhas do Kwanza.

Após o ataque bem sucedido da aliança, Cassanje e seu bando se recusaram a sair das terras ocupadas do Ndongo com sua ajuda, desagradando as autoridades portuguesas que desejavam ter controle sobre o território². A ocupação do território pelo Cassanje dificultou ainda mais o comércio de escravo uma vez que ele se recuava a ser um mero fornecedor de escravos baratos. Sua presença no Ndongo passou a ser vista como inconveniente, tanto para os portugueses como para o Ngola, que perdera o território.

Ao assumir o governo em 1621, João Correia de Sousa noticiou a péssima situação da conquista:

“Confesso as novas que acho de Angola de estar tudo revoltado e baralhado mal me posso eu resolver no negocio dos soldados, de mais de trazer muy poucos, e elles de muy má vontade ficarem neste sitio”³.

Uma das primeiras ações deste governador foi mandar embaixadores a Ngola Mbandi para negociarem a paz. Os portugueses se comprometiam a retirar Cassanje do Ndongo, restituir os Kijicos e sobas ilegalmente apreendidos por Luiz Mendes de Vasconcelos e retirar-se do forte de Ambaca. Em contrapartida, o Ngola deveria ser batizado e retornar à terra firme. O retorno à capital Cabaça, situada no centro do Ndongo, era indispensável, pois deixava o Ngola exposto à maior fiscalização e

² Relação do Dongo de Fernão de Sousa em Heintze, *Angola nos séculos XVI e XVII*. p. 286.

³ Carta de João Correia de Souza a Manuel Cerveira Pereira. 4/10/1621. Em Cardonega *História Geral das guerras angolanas*. .p.100 em nota.

dependência em relação aos portugueses. A retirada de Ambaca não deveria ser, a esta altura, tão difícil, pois se tratava de um posto militar recém-criado, difícil de abastecer e defender. O auxílio militar tornaria o Ngola dependente dos portugueses e obrigaria a uma cooperação político-comercial. O Cristianismo seria usado como alicerce ideológico que garantiria a submissão permanente, como era prática nas conquistas portuguesas.

A correspondência de Fernão de Sousa⁴ nos revela que Nzinga e suas duas irmãs estavam em Luanda, na qualidade de reféns, desde o segundo ataque a Ngola Mbandi. Realidade muito diferente daquela narrada por Cavazzi⁵, da pomposa embaixada de Nzinga ao governador, que provavelmente foi criada pela própria Nzinga para mostrar o peso de sua atuação política, quando dissuadiu o governador de impor vassalagem ao Ndongo. A embaixada tornou-se lendária e foi detalhadamente descrita por Luiz da Câmara Cascudo⁶, refletindo a criação do imaginário coletivo de Angola, aonde o folclorista pesquisou no século XX. O certo é que Nzinga se destacou nas negociações com João Correia de Sousa exigindo o cumprimento do acordo. Foi batizada com o nome de Ana de Sousa e teve como padrinho o governador.

Entretanto, litígios contra os Ndembus e conseqüentemente contra o Congo levaram o Ndongo ao segundo plano e nada foi efetivamente feito para que o acordo fosse cumprido. Nem no mandato de João Correia de Sousa, nem no dos governadores subseqüentes. Nzinga foi enviada, desta vez certamente na qualidade de embaixadora, ao governador Pêro de Sousa Coelho (2/5 a 10/8/1623) para confirmar o acordo, que foi endossado pela Junta governativa⁷. O bispo Simão de Mascarenhas (10/8/1623 a 22/6/1624) também recebeu emissários de Ngola Mbandi solicitando o cumprimento do acordo, sobretudo a expulsão do Jaga Cassanje. Pêro de Sousa Coelho foi incumbido da campanha na militar contra Cassanje, porém recusou-se a cumprir as rotas estabelecidas por Ngola Mbandi e se retirou para Ambaca, onde morreu.

Nzinga, senhora do Ndongo

⁴ Biblioteca de Ajude (BAL), cód.51-IX-20,f.414. em Heintez, *Angola...*p305

⁵ Cavazzi. *Descrição histórica dos três reinos*. Vol.II p.106.

⁶ Câmara, Luiz da Câmara. *Made in África*. P.8

⁷ Brásio. *Monumenta Missionária Africana* Vol.VIII.o.136 e 157

Ngola Mbandi morreu na primavera de 1624 na ilha de Kindonga, deixando como único herdeiro seu filho menor, sob a tutela do Jaga Caza Cangola. As cartas de Fernão de Sousa nos revelam informações importantes sobre esta passagem. Em 15 de Agosto de 1624, o governador escreveu ao governo noticiando a morte do soberano :

“El Rey d’Angola he falecido de hus pôs de peçonha que tomou de paixão por lhe não cumprir o governador João Correa de Souza a promessa que lhe tinha feito de mudar o presídio da Embaça pera a Luynha conforme ao assento que se tinha tomado sobre isso per autos que ficao em meu poder. Deixou nomeada no trono Dona Anna de Souza sua irmã que esta baptisada, mas ella se não nomea senão senhora d’Angola. Tenho carta sua em que me diz que mudando o presídio se sahira logo das ilhas donde esta (ilha de Quindonga) e se passará para a terra firme e que fará as feiras na Quiçala onde se costumava fazer, e que mandará aos seus que venhão a ellas, e que tragão peças (escravos) por o ter assy assentado com os seus macotas, que são os do conselho, e que semeará as terras, e pedirá padres da Companhia para baptizarem os que quizerem fazer christãos, e o seu tendala, que he a pessoa principal se quer logo baptizar e pede ao Bispo lhe mande levantar igrejas, e que se lhe mande hua pessoa de respeito pêra tratar distas coisas. Pólas razões que se apontão no auto que fez João Correa, e no que fez Pero di Souza, retificou o Bispo servindo de governador, que todos tenho em meu poder, me parece que será de grandi serviço de Deos, e di Vossa Magestade mudarse o presídio da Embaça pera a Luynha por não aver nisso perigo por estar o Reyno muito pobre, e falto de gente, e quando parecer tornar a situar o presídio onde esta podesse fazer, e perdendo esta boa ocasião, que Dona Anna offerece do Christianismo, e abrir dos caminhos e principiari feiras não se tornara a ter tão boa, o que importa muito para a Fazenda di Vossa Magestade e bem comum disti Reyno em que há grande falta de peças.”⁸

A carta esclarece que Ngola Mbadi teria se suicidado por desgosto por não cumprir o acordo com os portugueses, e quem é responsabilizado pela morte é o ex-governador João Correia de Sousa, quem primeiro se comprometeu em resolver o problema. Nzinga aparece como soberana legitimamente nomeada disposta a aceitar o

⁸ Carta de Fernão de Sousa ao governo. 15/8/1624. em Heintze. *Fontes para a história de Angola*. Vol.II p.85. doc. 36

cristianismo e abrir o comércio em seu reino, assim é tratada como uma aliada em potencial. Fernão de Sousa, “o prudente”, analisou os autos dos governadores passados e concluiu que era oportuna a mudança de Ambaca e era uma ótima oportunidade para firmar a paz no Ndongo para retomar as feiras.

Cardonega⁹ narrou que Ngola Mbandi adoeceu e morreu deixando seu herdeiro com o Jaga Caza, por não se fiar em Nzinga. Cavazzi¹⁰ escreveu que Nzinga Mbandi mandou afogar seu sobrinho no Kwanza após fingir amor a Caza. Diante da incoerência das fontes, devemos refletir o momento em que elas foram escritas e sob qual orientação política foram pensadas. Cavazzi escreveu cerca de 50 anos após a morte de Ngola Mbandi, imbuído de sentimento pró-português. Cardonega chegou a Angola em 1640 e compôs os exércitos de combate a Nzinga. Mas o que todas as fontes afirmam é que Nzinga assumiu o trono do Ndongo em 1624 tendo posse das insígnias reais que lhe conferiam poder.

No mesmo ano da morte de Ngola Mbandi, Fernão de Sousa assumiu o governo de Angola (22/6/1624 a 4/9/1630) com instruções para estabilizar o país e reverter os lucros da colonização para a Coroa, sendo estes, preferencialmente, obtidos pelo comércio e não pela guerra. As instruções chamavam atenção para uma maior sistematização da taxaço dos sobas e dos demais impostos. Seu primeiro passo foi estabelecer as feiras em locais estratégicos em parceria com os sobas. Apesar das suas instruções, Fernão de Souza achou o comércio pacífico menos atrativo que a guerra, pois o Ndongo atravessava um momento de instabilidade política devido a morte de Ngola Mbandi.

Em dezembro daquele ano, Fernão de Sousa escreveu novamente ao governo dando conta do terrível cenário da conquista: os holandeses ameaçavam o litoral e seriam ajudados pelo rei do Congo, que preparava um ataque por terra; faltavam soldados e alimentos para as tropas e presídios; a indisciplina nos pelotões era tamanha que todos queriam ser capitães. Completa a carta noticiando:

“Dona Anna senhora de Angola me aperta muito que lhe cumpra a palavra que lhe deu o governador João Correa de Sousa, e que lhe mude o presídio da Embaça, e que logo se

⁹ Cardonega. Vol.I.p.53

¹⁰ Cavazzi. Vol.II.p.106-107.

passará para terra firme, e mandará buscar padres da Companhia, e levantará igreja, e fará feiras largando-lhe Vossa Magestade os quizicos e sovas que com a guerra que diz se lhe fez injusta lhe tomarão do que tenho dado conta, e apontado as razões que para isso há, fico esperando hordem para seguir a que for em mais serviço de Vossa Magestade.¹¹”

A câmara de Luanda aprovou por unanimidade a retirada de Ambaca somente após ordem expressa do rei e decidiu que os Kijicos injustamente tomados por Luiz Mendes de Vasconcelos só seriam devolvidos a Nzinga após ela se avassalar.¹² Ao invés de se retirar de Ambaca, o governo fortaleceu-se na região e inaugurou ali uma feira de escravos ainda em 1624¹³.

A fuga de Kimbares para o junto de Nzinga passou a preocupar o governador, pois os Kimbares eram escravos entregues pelos sobas para servirem como soldados a favor dos portugueses, de acordo com os tratados de vassalagem. Uma vez que estes escravos eram militarmente treinados, a fuga para as fileiras de Nzinga significou não apenas a perda do contingente militar português, mas também fortaleceu significativamente o exército rival. Os escravos fugidos, em maior parte, haviam sido capturados em guerras e pertenciam a linhagens diferentes dos Mbundos e foram eles que garantiram o poderio militar e deram suporte político a Nzinga nesta etapa. Fernão de Sousa escreveu ao governo lamentando a fuga dos escravos:

“ Dona Ana se resolveo em não entregar os escravos, e posto que toda a conquista se queixa da sua fogida por respeito da perda, porque são todos de guerra e não heide dar pólos recuperar sem expressa ordem de V.M.”¹⁴

¹¹ Fernão de Sousa ao governo. 10/12/1624. Em Heintze. *Fontes para a história de Angola*. Vol .II. p. 117. doc. 44

¹² Brasio. Vol. VII. P. 249 e seguintes.

¹³ Heintze, Angola. P. 327.

¹⁴ Carta de Fernão de Sousa ao governo. 6 de setembro de 1625. Em Heintze, *Fontes para a história de Angola*. Vol .II. p. 142. doc. 60

Nzinga se recusou a devolver os escravos fugidos enquanto o governador não cumprisse o que havia sido combinado. Recusava-se a aceitar as exigências que buscavam submetê-la a vassalagem, travando assim os planos portugueses de promoverem as feiras pelo Ndongo. Muitos sobas já avassalados passaram para o lado de Nzinga e romperam os laços com os portugueses, como ocorreu em Musseque¹⁵. Nzinga soube se aproveitar de outros conflitos na África Central e canalizar a seu proveito a inimizade de alguns portugueses, como ocorreu com o soba Ambuíla (Mbwila), um soba Ndembo que se recusou a pagar tributos aos Portugueses. A insubmissão justificou a guerra contra Ambuíla, que era considerada estratégica devido as minas de cobre que haviam em seu território.

Só a partir da recusa de Nzinga em cooperar com os anseios comerciais e políticos do governo português, que Fernão de Sousa criou a tese de sua ilegitimidade e passou a considerá-la usurpadora, alegando que ela teria assassinado seu irmão Ngola Mbandi. A partir daí, Nzinga passou a ser vista como principal inimiga dos portugueses em Angola e objetivo primordial do governador passou a ser capturá-la e expulsá-la do Ndongo.

O golpe político do Ndongo

Fernão de Sousa não se atrevia a fazer guerra contra Nzinga sem expressa autorização do rei já que todas as guerras que não servissem para a defesa de Luanda e dos presídios eram expressamente proibidas.¹⁶ A guerra era vista com receio uma vez que desorganizava as feiras e impedia que os sobas saldassem os tributos. A guerra contra Nzinga seria uma guerra preventiva, e não defensiva, já que Nzinga não atacara os portugueses previamente. Sob a pressão dos comerciantes de escravos e dos militares, decidiu-se fazer a guerra no verão de 1625, que foi declarada como uma “guerra justa”. Bento Banha Cardoso chegou com um reforço de 200 soldados e material de guerra, o que deu relativa segurança ao empreendimento. Em contrapartida, Nzinga se fortificou na ilha de Kindonga e intensificou a propaganda anti-lusitana.

Fernão de Sousa convenceu o soba Are a Kiluanje a ir a fortaleza de Ambaca a fim de confirmar sua posição de vassalo do rei de Portugal. Are a Kiluanje já tinha sido

¹⁵ Brásio. Vol.VIII. p. 360

¹⁶ Brásio. Vol. VII.p 361.

vassalo português, porém João Correia de Sousa o entregara a Ngola Mbandi, por razões ainda desconhecidas, livrando-o assim da vassalagem e sendo formalmente súdito de Nzinga. Fernão de Sousa conhecia este fato:

“mandey persuadir a Ayre Aquiloange, herdeiro legitimo delle (i.e., do Reino do Dongo), que viesse ao presidio pois era vassalo d’ElRey nosso senhor posto que o governador João Correia de Sousa o tinha largado a ElRey defunto o que fiz cõ yntento de o enemistar cõ ella (i.e. Dona Anna) e pera o fazer Rey de Dongo, vindome ordem di Sua Magestade cõ as condições declaradas na carta que escrevi a ElRey nosso senhor sobre a guerra di Dongo e dos Xagas.”¹⁷

A escolha de Are a Kiluanje não foi fortuita. Ele era descendente de grandes nobres do Ndongo e suas origens apontavam para o primeiro Ngola. Para Are a Kiluanje, a aliança com os portugueses representava uma oportunidade de recuperar o trono do Ndongo de uma linhagem rival, a de Nzinga Ngola Kilombo Kia Kasenda (c.1575-1592), tido nas tradições orais como um usurpador, da qual descendia tanto Ngola Mbandi como Nzinga Mbandi. Os portugueses transferiram o título central para outro grupo de linhagens, detentoras do nome Are a Kiluanje, “uma posição ngola senior numa linha colateral, uma posição “irmão” do ngola a kiluanje”.¹⁸

Are a Kiluanje aparecia como um excelente candidato nos planos de Fernão de Souza para fazer guerra a Nzinga e trazer o Ndongo sob o controle português. O sucesso deste plano permitiria estabelecer um governo em que os portugueses poderiam explorar o comércio, obter receitas, difundir o cristianismo e ganhar mais apoio militar.¹⁹

Apesar de a genealogia conferir possível legitimidade a Are a Kiluanje, os detentores desta posição nunca exerceram influências políticas e os Mbundo nunca os reconheceram como herdeiros do título Ngola. Muitos sobas revoltam-se com o poder dado a Are a Kiluanje, visto como incapaz de garantir a ordem e de fazer chover (proeminência do Ngola) e passam a apoiar Nzinga na luta contra Portugal.

¹⁷ Carta de Fernão de Sousa. Em Heintze, 1985.p. 229-230.

¹⁸ Miller, J. *Poder político e parentesco*. p. 84

¹⁹ Regimento a Bento Banha Cardoso, Janeiro de 1626. In Heintze. *Fontes para a história de Angola no século XVII.* vol.I. p.204-5. e Relação do Dongo. *Idem*. P. 199-200.

O plano de instalar um “rei fantoche” já havia sido arquitetado no governo de Mendes de Vasconcelos, que quis instituir Samba Antumba como rei, sem sucesso. Colocar um aliado no poder que pudesse ter alguma legitimidade na tradição parecia um plano melhor do que acabar definitivamente com o título Ngola através do fortalecimento dos sobados.

Em fevereiro de 1626, Nzinga enviou uma comitiva a Luanda protestando contra o apoio a Are a Kiluanje, que era formalmente um súdito seu. Nzinga. Tentou mais uma vez ao mandar nova embaixada a Ambaca propondo o exílio de Are a Kiluanje. Em 3 de março de 1626, Bento Banha Cardoso recebeu a carta de Nzinga em que ela justifica seu procedimento contra Are a Kiluanje como medida de retaliação. Nzinga garantiu sua obediência ao rei de Espanha, se dizendo cristã, e afirmou seu desejo de paz e sua disposição para negociações. Cardoso a respondeu ironicamente, rejeitando suas declarações.²⁰

Em julho de 1626, Nzinga finalmente atacou Ara a Kiluanje quando este saía da fortaleza de Ambaca. O socorro português que saiu do presídio não conseguiu conter o ataque:

“matarão por dezordem três portugueses e cativarão seis que forao levados as ilhas donde Dona Ana estava com que se declarou e convocou todos os sovas que se levantassem e os do Moseque conjurados com os da Quiçama assentarão dar nos presídios o que se verificou por sovas vezinhos.”²¹

A morte e a prisão dos portugueses deram a justificativa que faltava para legitimar a guerra contra Nzinga. Cardoso é informado que todos os partidários de Nzinga se encontravam nas ilhas e eram demasiado fracos para fazerem frente aos exércitos portugueses. O sentimento anti-português se espalhava entre os sobas, principalmente entre aqueles dominados recentemente no governo de Luiz Mendes de Vasconcelos, como eram os sobas do Lucala, do Kwanza e do Musseque, apoiados pela província da Quissama (inimiga portuguesa desde o início da colonização). Apenas os sobas do Lumbo e Ilamba e os do entorno a Ambaca permaneciam fieis aos portugueses. Heintze

²⁰ Heintze. *Angola nos séculos XVI e XVII*. P. 369

²¹ Carta de Fernão de Sousa ao Governo. 9 de Julho de 1626. Em Heintze, 1988. p. 167. doc.78

coloca que, neste momento, a resistência aos portugueses não significava necessariamente o apoio a Nzinga: “o objetivo desses sobas era provavelmente uma autonomia e não outra dependência. A resistência nestas zonas era de natureza essencialmente passiva e manifestava-se em casos extremos, pela recusa de apoio militar”²². No tempo da primeira ofensiva de Fernão de Sousa, em 1626, apenas os sobas do Kwanza eram publicamente favoráveis a Nzinga e apoiaram seu ataque a Are a Kiloanje. Os partidários de Nzinga encontravam-se todos fortificados na ilha de Kindonga, ao passo que, em terra firme, ninguém se opunha abertamente aos portugueses.

A partir dos primeiros ataques, Nzinga começou a se transformar num símbolo da resistência anti-portuguesa muito para além das fronteiras do Ndongo, verificado pela solidariedade dos sobas Ambuíla e Kiluanje Cacango, ambos vassallos rebeldes de Portugal que se recusavam a pagar os tributos. A ruptura de relações dos portugueses com Ambuíla levou ao fim da feira em seu território, o que afetou o comércio de escravos.

Nzinga e os Imbangalas: Tembanza do Kilombo

Nzinga Mbandi jamais aceitou perder o trono do Ndongo e buscou se fortalecer militarmente para combater os portugueses e garantir, pelas armas, seus direitos e a soberania de seu povo. Para fazer frente ao poder lusitano, Nzinga mobilizou muitos sobas nas adjacências do rio Kwanza, alguns sobas Ndembos, como era o poderoso Ambuíla, os “belicosos” sobas da Quissama. Cardonega²³ diz que Nzinga liderou a formação de uma grande confederação, cujo principal objetivo era eliminar a presença lusitana em Angola. Dentre os aliados que Nzinga obteve em sua luta contra a invasão portuguesa, um grupo se destaca: os guerreiros Imbangalas que passaram a apoiá-la e a consagraram como sua chefe política.

Não se sabe ao certo o momento que Nzinga efetivou sua união com os Imbangalas. As fontes são contraditórias neste ponto. Cavazzi diz que, para ter acesso a seu sobrinho herdeiro, fingiu amor ao Jaga Caza, tutor do menor e com ele se casou segundo os ritos daquele povo. Depois do assassinato do sobrinho, Caza fugiu. Seguindo a narrativa,

²² Heintze, 2007. p.349.

²³ Cardonega. Vol. I. p. 82 e seguintes.

Cavazzi escreveu: “para poder dispor de guerreiros mais aptos a tão grande empreendimento, abraçou a seita dos Jagas e tornou-se chefe da mesma.”²⁴.

Cardonega afirma que quando a rainha estava em Kindonga já contava com o apoio dos Jagas:

“Deste sitio e alojamento marchou o Capitao mor em demanda das Ilhas de Quindonga onde a Rainha Ginga estava fortificada, assistida de muitos Jagas, como era Caza e Caiete, que aquella astucioza Rainha com seus ardis e industria se havia assenhoreado delles e de seus Quilombos.”²⁵

Segundo Heintze²⁶, foi somente a partir da fuga de Kindonga que Nzinga conseguiu refúgio junto ao Jaga Caza Cangola e ganhou o mais importante título feminino do Kilombo, o de *Tembaza*, sacerdotiza do unguento *Magia a Samba*, capaz de tornar os guerreiros invencíveis. Nzinga passou a ser rigorosa no cumprimento das leis *Kijilas*, que proibiam, entre outras coisas, a procriação no interior do Kilombo.

O ponto pacífico é que rainha Nzinga assumiu a liderança de um ou mais bandos Imbangalas e passou a comandá-los política e militarmente na luta contra os Portugueses. Não obstante, alguns grupos de Jagas lutavam a favor dos portugueses, como era o caso do Jaga Calanda. A instabilidade das alianças é facilmente percebida na leitura de Cardonega, em que bandos Jagas lutavam ora a favor dos portugueses, ora contra eles.

Foram inúmeras as batalhas de Nzinga na liderança dos Kilombos, contra a obstinada perseguição de Fernão de Souza, que a tinha como “capital inimiga”. Utilizamos aqui a *História Geral das Guerras Angolanas*, do capitão Cardonega como fonte histórica privilegiada para os episódios militares. Apesar de ter chegado em Angola somente em 1640, Cardonega se propõe a dar conta dos avanços da conquista lusa, registrar os juízos e sentimentos que os portugueses tinham daquela rainha,

²⁴ Cavazzi. *Op. Cit.* Vol.II, p. 71-2.

²⁵ Cardonega. *História Geral das Guerras Angolanas.* Vol.I. p. 130

²⁶ Heintze. *Angola nos séculos XVI e XVII.* P.344

sobretudo porque seu sogro participou destas batalhas como conquistador e posteriormente lhe narrou os episódios.²⁷

Ainda em 1626, os Portugueses e as tropas de Are, tentaram invadir a ilha de Kindonga, onde Nzinga havia se fortificado, usando os braços do rio Kwanza para se proteger e movimentar.

Ataques surpresa às tropas portuguesas faziam parte do rol de estratégias de Nzinga para se defender. Em junho de 1626, Bento Banha Cardoso alojou seu exercito na outra banda do Kwanza, esperando invadir Kindonga e “Vendose aquella belicoza Rainha abarbada e oprimida com a vizinhança do nosso arrayal” mandou aos seus melhores capitães que atravessassem aqueles braços de rio em canoas, balsas e jangadas. Ordenou que o ataque aos alojamentos portugueses fosse feito à noite, para pega-los de surpresa. Mandou que se queimasse tudo, inclusive as lanchas que já estavam preparadas para atacar Kindonga. Quando os portugueses finalmente entraram na ilha de Kindonga, degolando e aprisionando muita gente, a rainha não foi capturada. Ela se movera rapidamente pelas diversas ilhas do Kwanza, enganando os exércitos lusitanos.

Nzinga conseguiu, por décadas, fugir dos exércitos portugueses obstinados a aprisioná-la. A batalha na ilha de Mapolo, em junho de 1626²⁸, mostra sua astúcia para se livrar do cerco empreendido pelo Capitão Banha Cardoso:

“veyo só a ficar por render a Ilha em que estava a Rainha Ginga Dona Anna de Souza com sua Corte e do melhor que possuia; vendose Ella abarbada mandou seus Embaixadores ao Capitão mor, pedindo-lhe a não apertasse tanto, que bastava o damno e guerra que lhe tinha feito nas mais ilhas, que **Ella queria ser filha de Maniputo e sua Vassalla** que dentro em tres dias viria em pessoa com sua Corte ao Arrayal (...)”²⁹

Maniputo era a forma como os Mbundos chamavam o rei de Portugal, assim a rainha negociava sua vassalagem em troca de sua liberdade. Mas a trégua requerida era apenas uma artimanha para que Nzinga conseguisse fugir com seus guerreiros:

²⁷ Cardonega. Vol. I. p. 136.

²⁸ Cardonega (p. 137) diz que a batalha se deu em 12 de Junho de 1626. Fernão de Sousa escreveu no dia 9 de Julho relatando o ocorrido em Mapolo. Em Heintze, 1988. doc. 78

²⁹ Cardonega. *História Geral das Guerras Angolanas.* Vol.I. p. 137. grifo nosso

“Havendo o nosso Conquistador esperado os tres dias aplacados, e vendo não vinha a Rainha nem recado seu para a mandar passar nas suas embarcaçoens, entendeo que fora estrategema a tregoa dos tres dias que havia pedido e mandado reconhecer a Ilha a acharão dezerta, e a Rainha fugida com um inumerável gentio que tinha.”³⁰

Cavazzi, provavelmente a partir dos relatos de Nzinga na década de 1660, registrou a consulta que, nesta batalha, Nzinga faz o Xinguila de Ngola Mbandi. Xinguila era a possessão por um espírito, que Nzinga usava como um conselho político deliberativo, através do qual governava. O irmão a orientou: “render-se aos portugueses significaria a perda da liberdade. Não era indigno dela fugir naquela conjuntura, para combater e vencer o inimigo em condições mais favoráveis.”³¹.

Cardonega afirmou que Nzinga fugiu para a província de Hango, “iludindo os inimigos.” Fernão de Sousa relatou que Nzinga colocara fogo na ilha para que não encontrassem mantimentos e fugiu para Tunda (Libolo). Os exércitos não puderam segui-la, pois estavam enfermos e não sabiam seu paradeiro.³² A fome e uma epidemia de varíola dizimaram grande parte da guerra preta portuguesa. Bento Banha Cardoso intimou todos os sobas, através de propostas de amizade e ameaças de guerra, a entregarem Nzinga caso ela entrasse em seus territórios. Cardoso partiu para Samba Aquizenzele, na fronteira do Ndongo, com oitenta soldados para prendê-la.

A partir deste episódio, Nzinga e o Jaga Caza percorreram o Ndongo fugindo da perseguição de Cardoso e fazendo intensa campanha anti-lusitana, em que conseguiram agregar grande número de pessoas em seu Kilombo.

Ao se tornar uma Imbangala, Nzinga passou a contar com grande número de guerreiros bem treinados e altamente organizados, como prescrevia a hierarquia do Kilombo, e assim aumentou significativamente seu poder bélico e garantiu sua segurança para se movimentar. A função ritual que assumiu no Kilombo lhe deu importante posição política junto à comunidade Imbangala, que foi usado em seu

³⁰ Idem.Vol.I p. 139

³¹ Cavazzi. Vol. II. P. 78

³² Carta de Fernão de Sousa ao governo. Em Heintze, 1988. doc.78

proveito com outros chefes Imbangalas. A aliança com os Imbangalas mostra como a luta a favor de Nzinga lhes imprimiu consciência política. Este povo guerreiro vivia vagando sem se prender a linhagens, roubando comidas e pessoas. Ao colocarem seus Kilombos, “*máquinas de guerra*”³³, à disposição da Nzinga, alguns bandos Imbangalas passam a compor a frente de resistência contra a ameaça estrangeira.

Em 12 de outubro de 1626, Ngola Are foi eleito o novo rei do Ndongo após a morte de seu irmão Are a Kiluanje por varíolas. O contrato de vassalagem foi enviado a Lisboa por Pernambuco³⁴. O rei elogiou a atuação de Fernão de Sousa e agradeceu-lhe pelo que ele e Banha Cardoso haviam feito em seu nome, particularmente a nomeação e vassalagem de Ngola Are.

Fortalecida pelos exércitos Imbangalas, Nzinga invadiu a província do Are, impediu o avanço da conquistas e desarticulou as feiras em Pungo a Ndongo. O governo português financiava Ngola Are na luta contra Nzinga para mantê-la ocupada, enquanto desenvolvia o tráfico em outras partes do território. Mas Nzinga conseguiu estabelecer suas tropas de forma a impedir a comunicação entre Ngola Are e o governo português em Luanda, que então tentou novos tratados de paz, com a promessa de devolver as províncias injustamente tomadas e de ajudá-la contra seus inimigos, sob a condição de ela reconhecer estes favores com um tributo anual. Cavazzi registrou o episódio segundo o que a própria Nzinga lhe narrou anos depois:

“Alterou-se extremamente a feroz rainha com estas propostas, julgando que era grave afronta pretender homenagem duma soberana independente e absoluta. Respondeu, por conseguinte, que tais pretensões deviam ser feitas a um vencido desanimado e não a quem tinha por si todos os direitos e a coragem para sustentá-los.”³⁵

Com poderes reforçados, Nzinga retornou em 1628 a ilha de Kindonga, acompanhada do Jaga Caza:

³³ A idéia do “Kilombo como máquina de guerra” é apresentada por Miller, *J. Poder político e parentesco*. Cap. VI.

³⁴ Falta nota. Em Heintze, 1988.

³⁵ Cavazzi. *Op. Cit.* Vol.II. p. 77.

“Dona Ana de Souza Gingua Ambande tornou pera as ilhas chamada dos sovas da Coanza acompanhada do Jaga Caza dizendo hera senhora e ElRei Angolla Ayre escravo seu, e queria avassalarse a Vossa Magestade, e pagar tributo do Reyno, e que elle o pagasse das terras que lhe ficarão de seu pay.”³⁶

Bento Banha Cardoso foi ordenado a “reprimir” Nzinga acompanhado pela gente de Ngola Are³⁷.

Nzinga e o Jaga Caza mandaram quatrocentas peças de escravos e cinco vacas ao governador Fernão de Sousa para que o tratado de vassalagem de Ngola Are fosse anulado. Mandaram também o *Mani Lumbo* (um importante funcionário do Kilombo que tratava das relações externas) para a fortaleza de Ambaca para dizer que ela gostaria de se avassalar e para fazer feiras de peças, sem a devida autorização, a quem Fernão de Sousa mandou matar:

“Mandeyo prender por espia, e degollar na fortaleza com que os sovas se reportarão, e ElRey (Ngola Are) tomou confiança, e cobrou animo porque lhe parecia que aceitando eu as peças de escravos que elle e o jaga me mandavão o não sustentaria no reyno, nem cumpriria a escretura que me avia feito”

A morte do *Mani Lumbo* provocou a separação entre Nzinga e o Jaga Caza e demonstrou que a Coroa portuguesa não acreditava mais que Nzinga poderia se avassalar livremente.

Ngola Are ilegítimo

A decisão de coroar Ngola Are como rei do Ndongo trouxe descontentamentos a muitos sobas, que se recusaram a obedecer-lo. A insubordinação se alastrou prejudicando a disponibilidade de soldados para a guerra preta e o pagamento dos tributos. Quando os portugueses quiseram assegurar a lealdade dos sobas da região dos Quezo, nenhum deles obedeceu à ordem do capitão mor Azevedo para se apresentar no acampamento do exército, no entanto mandaram informar ao comandante português que

³⁶ Carta de Fernão de Souza ao Governo. 10 de Julho de 1628. Em Heintze, 1988. p. 197. Doc. 105

³⁷ Carta de Fernão de Souza ao Rei não enviada. fins de julho ou princípios de Agosto de 1628. Em Heintze, 1988. p.200. doc. 107.

estariam dispostos a obedecer a seus comandos, desde que isso não implicasse submissão a Ngola Are.³⁸ Os portugueses interpretaram isso como um apoio a Nzinga, dando ordem de guerra legítima contra eles. A província de Quituxila negou obediência ao *tandala* (o mais alto funcionário do rei) de Ngola Are³⁹, colocando em evidência a falta de autoridade deste “rei fantoche”.

Em 1629, as duas irmãs de Nzinga foram presas pelas tropas portuguesas e levadas para Luanda. Este ataque ao Kilombo de Nzinga provocou a sua segunda expulsão do Ndongo, levando-a dominar o território de Matamba. Fernão de Sousa declarou o amor que o povo do Ndongo sentia por estas irmãs e as considerava como “deydades”⁴⁰. e chegou a sugerir que Mocambo (a irmã mais nova, batizada com o nome de Maria e mais tarde de D.Bárbara) assumisse o trono após casar-se com um parente próximo do falecido Ngola Mbandi que fosse favorável aos portugueses⁴¹, pois se defendia que uma mulher não poderia tradicionalmente ascender ao trono do Ndongo.

Mocambo afirmou que Ngola Are não poderia ser considerado legítimo rei pois era filho de uma escrava sua, e este argumento parece ter convencido Fernão de Sousa, que o repetiu ao rei.⁴²

A fraqueza de Ngola Are perante Nzinga era latente e o governador não deixou de registrar o medo que ele sentia do poder extraordinário de sua rival. Nzinga, aliada aos Imbangalas, ganhou fama de imortal pois sabia preparar feitiços que a tornava invencível:

“se desconfiou ElRey e concebeo com grande medo, e receyo da Gingua pelo ameaçar [sic] com feitissos, que este gentil teme mais que armas, e não teve animo pera a cometer, nem resolução pera andar a correr a terra com a sua guerra (...)”⁴³

A visita do Tendala e dos principais macotas de Ngola Are ao governo deixa evidente a sua falta de legitimidade entre os sobas do Ndongo. Os emissários foram

³⁸ Biblioteca de Ajuda (BAL) cód. 51-IX-20. fl. 256. in Heintze, 2007. p. 373

³⁹ BAL, cód. 51-IX-20. fl. 256. in Heintze, 2007. p. 365

⁴⁰ Heintze, 1988. p. 231.

⁴¹ Heintze. 1988. p. 365.

⁴² Heintze, 1988. p. 386.

⁴³ Heintze, 1988. p. 198. doc. 105

mandados a Pungo Andongo, em 28 de fevereiro de 1629, para se queixarem de três coisas: a primeira é que muita gente do Ndongo fugia para Matamba para ficarem livres da obrigação de servir na guerra portuguesa, e quando a guerra chegou a Matamba, o povo do Ndongo foi aprisionado “como se fossem inimigos (...) assy por concluzão se queixa que com nome de querer cativar e destroyr a Ginga e sua gente tem destroydo os que ficavao em Dongo”⁴⁴; a segunda coisa que queixaram foi “que grande, e piquenos não lhe tem nenhum respeito, mas o injurião com ynurias mui graves.” Finalmente reclamaram que após o ataque a um Kilombo, Ngola Are partiu e quando estava a uma légua do local, suas tropas o fizeram retornar ao Kilombo arruinado “dizendo que não querião mais hir pela Ginga a fazerlhe guerra”, ou seja, Ngola Are havia sido abandonado pelos seus guerreiros, que passaram a recusar combater Nzinga. A carta termina assim: “rogamos a Vossa Senhoria pelo amor de Deus a ter compaixão de nosso Rei, e nos outros que não temos outro pai e mai.”, revelando a extrema dependência que Ngola Are tinha do governo português, já que não encontrava legitimidade ente os seus nem forças suficientes para vencer Nzinga.

A informação preocupou Fernão de Sousa, que averiguou as queixas com “boas lingoas” (intérpretes) e as remeteu a Paio de Araújo de Azevedo, narrando o episódio em que seis sobas foram prestar obediência ao capitão mor, que os recebeu e mandou que retornassem a suas terras. Na volta, fizeram guerra contra o soba Caçonde do Reino de Matamba, aprisionando três fidalgos. Quando estavam na Quituchela sofreram um ataque em que roubaram a quicumba (bagagem) e toda a gente de suas morindas (gente livre) destes seis sobas. Como eles eram leais Ngola Are e foram atacados em território do Ndongo, que está sob proteção portuguesa, este episódio revela a fraqueza do soberano em garantir a ordem na sua jurisdição. O governador pediu que fossem restituídos o que se roubou dos sobas. Fernão de Sousa disse que os soldados rebelados de Ngola Are, após negarem-se a fazer guerra contra Nzinga, chamaram-no de cão, e que o haviam de enforcar. A que o governador comentou: “não o creyo, porque ainda que he negro tem nome de rei, e está confirmado por Sua Magestade, e devesselhe cortezia e respeito, o que confio de Vossa Merce (Paio de Araújo) fará em tudo pera com seu exemplo se não atreverem outros a desonralo”⁴⁵

⁴⁴ Queixa dos tendalas e macotas de Ndongo. 28 de fevereiro de 1629. In Heintze, 1988. p.286. doc. 196

⁴⁵ Carta de Fernão de Sousa a Paio de Araújo de Azevedo. 20 de março de 1629. In Heintze, 1988. p. 287.

Os sobas do Ndongo falaram, por diversas vezes, que preferiam perder a vida a serem vassallos e até assistir à dissolução definitiva do reino, a continuarem súditos de Ngola Are.⁴⁶

A grande seca que acometeu o Ndongo em 1629-1630 aumentou a descrença que o povo sentia em Ngola Are, que se mostrou incapaz de provocar as chuvas, uma habilidade que o Ngola deveria ter. A situação do povo Mbundo se agravou com a fome e a disseminação das bexigas, impedindo o pagamento dos tributos aos portugueses, que reagiam com guerras por insubmissão. O não pagamento dos tributos por mais de dois anos resultava em decapitação do soba ou sua deportação como escravo. A rígida política tributária de Fernão de Sousa resultou em perda quase total do domínio sobre o Ndongo, pois ao mesmo tempo que crescia a indignação do povo em relação a presença portuguesa, aumentava as fileiras de resistência comandadas por Nzinga.

A tentativa de instituir um “rei fantoche” favorável aos portugueses mostrou-se falha, uma vez que o povo do Ndongo não o considerava legítimo. Mesmo assim Ngola Are manteve-se no trono, sem efetivo poder, até sua morte. O Ndongo sofreu a perda de sua autonomia e foi dissolvido enquanto Estado. Nzinga Mbandi jamais aceitou perder o trono do Ndongo e ocupou Matamba, onde foi conclamada rainha e acolheu o povo Mbundo descontente, prosseguindo a resistência frente a ocupação portuguesa até a década de 1660.

Referências bibliográficas:

AMARAL, Idílio do. *O reino do Congo, os Mbundu (ou Ambundos), o reino dos "Ngola" (ou de Angola) e a presença portuguesa de finais do século XV a meados do século XVI*. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1996.

BRÁSIO, Antonio. *Monumenta Missionária Africana*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952.

CASCUDO, Câmara. *Made in Africa*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

CAVAZZI, Giovanni Antonio. *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. 2 volumes. Lisboa : Junta de Investigações do Ultramar, 1965

doc. 197

⁴⁶ Heintze, 1988. p. 244.

CARNODEGA, *História geral das guerras angolanas.*(1681). 3 vols. Ed. Anot. Cônego José Mathias Delgado (vols.1 e 2) e Manuel Alves da Cunha (vol.3). Lisboa, 1972

HEINTZE, Beatrix. *Fontes para a história de Angola do século XVII. I. Memórias, relações e outros manuscritos da Colectânea Documental de Fernão de Souza (1622-1635).* Stuttgart, 1985.

_____. *Fontes para a história de Angola do século XVII. II. Cartas e documentos oficiais da Colectânea Documental de Fernão de Souza (1624-1635).* Stuttgart, 1988.

_____. *Angola nos séculos XVI e XVII- estudos sobre fontes, métodos e história.* Trad. de Marina Santos. Luanda: Editora Kilombelombe, 2007.

MILLER, Joseph. *Poder político e parentesco: os antigos estados Mbundu em Angola.* Trad. De Maria da Conceição Neto. Luanda: Arquivo Histórico Nacional, 1995. Título original: Kings and Kinsmen..

VANSINA, Jan. “More on the invasion of Kongo and Angola by the Jaga and the Lunda”. *Journal of African History*, Londres, VII (3), 1966